



RODRIGO DE OLIVEIRA

# A ILHA DOS MORTOS

LIVRO QUATRO



 FARO  
EDITORIAL

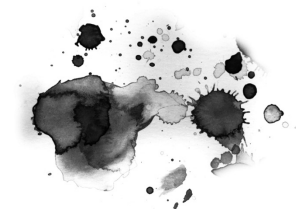
**RODRIGO DE OLIVEIRA**

# **A ILHA DOS MORTOS**

 **FARO  
EDITORIAL**

## CAPÍTULO 1

# A LUZ SEGUIDA DA ESCURIDÃO



**URIEL OLHAVA ASSUSTADO** pela fresta da cortina, tentando enxergar o que se passava na rua onde morava. O som dos tiros cessara fazia pouco mais de meia hora. Porém, ao contrário do que se poderia imaginar, aquele não era um bom sinal. Ao que tudo indicava, a resistência dos militares finalmente chegara ao fim. Nem mesmo os homens de farda haviam sido capazes de deter o avanço das criaturas.

Ao observar diversos daqueles seres ainda vagando pela via, Uriel se deu conta de que não tinha motivos para alimentar esperanças. O número de zumbis era, sem dúvida, muito superior ao de soldados — aquela era uma batalha perdida para os humanos. Se onde ele morava os seres já haviam tomado tudo, no quartel do exército a situação era ainda pior — os vários disparos e explosões atraíram um número gigantesco de mortos-vivos.

Naquele momento, o pai de Uriel entrou na sala. Ao ver o filho espiando pela janela, sobressaltou-se e correu até o menino, chamando sua atenção num firme sussurro:

— Sai da janela, Uriel! Ficou maluco?! — Alcides olhava zangado para o garoto. — Quer que os monstros te vejam e invadam a nossa casa?

— Não, pai! Eu só queria ver o que está acontecendo lá fora. Como acabaram os tiros, pensei que os soldados tinham vencido a guerra — o garoto tentava se explicar.

Uriel era um menino franzino de dez anos, pele clara, olhos castanhos e cabelos escuros, sempre um pouco desarrumados. Apesar das feições bonitas, tinha um jeito desengonçado, típico das crianças em fase de crescimento.

— Filho, eu já avisei pra ficar longe da janela. Essas coisas podem ver você e tentar nos atacar. E uma bala perdida pode te atingir!

Alcides estava impaciente. Os últimos sete dias haviam sido tremendamente estressantes. A comida e a água estavam no fim, e ele não tinha ideia de como se defender daquelas criaturas. Vivia tenso, no limite, a paciência por um fio.

— Pai, desculpa — o menino falou, sem graça, mas também um tanto contrariado. Em seguida voltou a sentar no sofá da sala, sob o olhar severo de Alcides.

Uriel sabia que não havia mais nada que ele ou seu pai pudessem fazer a não ser esperar. Era preciso aguentar firme, pois, mais cedo ou mais tarde, a ajuda chegaria.

O garoto permaneceu em silêncio por instantes. Tanto o pai quanto a mãe, Érica, vinham incentivando Uriel a brincar um pouco com alguns dos seus jogos de tabuleiro, já que não tinham eletricidade, e, portanto, televisão e computador eram opções de lazer fora de cogitação. Qualquer coisa serviria para aliviar a tensão daqueles dias de confinamento.

Uriel ficou contemplando a sala da casa onde moravam. As paredes eram bege, e havia poucos quadros. A estante era velha, comprada em uma loja popular, e a televisão, um pouco mais nova, agora não passava de uma peça de decoração completamente sem uso.

A casa de dois dormitórios era um imóvel típico do bairro Engenho do Meio, em Recife. Ficava próxima à sede da 7ª Região Militar, também conhecida como Região Matias de Albuquerque, uma homenagem ao antigo governador da Capitania de Pernambuco.

Apesar da proximidade, não era possível avistar a sede das forças do exército. No entanto, dali enxergava-se a rodovia BR 101, onde poucas horas antes dera-se a movimentação dos veículos de combate.

Durante o apocalipse zumbi, desencadeado pela aproximação do planeta Absinto, nenhuma outra unidade militar conseguira realizar uma resistência tão competente quanto aquela em toda a região Nordeste. Mas tudo indicava que era questão de tempo.

Foram muitos os dias de disparos incessantes, explosões e muitos combates. Cada tiro atraía mais criaturas, numa progressão que tornara a vitória praticamente impossível. E agora não havia mais nada, apenas o silêncio. E com ele também a falta de esperança.

Uriel, perdido nas suas aflições infantis, perguntava-se se teria sobrado alguém que pudesse ajudá-los quando ouviu o som de um avião. O barulho era incrivelmente potente, parecendo de uma aeronave de grande porte.

No bairro todo, sobreviventes escondidos nas casas e nos prédios próximos correram às janelas, esperançosos de que fosse o resgate. Até mesmo os zumbis pararam de vagar pelas ruas e voltaram os olhos para o céu, tentando encontrar a origem do ruído.

Um avião de grande porte passou muito baixo sobre o bairro. Sobrevoou a Universidade Federal de Pernambuco e cruzou a BR 101, rumo à sede da 7ª Região Militar. Vinha praticamente planando.

Uriel, contrariando as ordens do pai, foi até a janela novamente. Precisava ver aquele colosso que fazia tudo trepidar.

O menino avistou o gigantesco avião militar passando sobre o complexo do exército, a mais de um quilômetro de distância. E testemunhou o exato momento em que a imensa aeronave despejou diversas esferas de metal, similares a grandes ovos de aço brilhando contra o sol, sobre o agrupamento.

Curioso, Uriel ficou ali, olhando aquela cena, vendo as esferas despencando em câmera lenta, preguiçosamente. Demorou uma eternidade até todas desaparecerem do seu raio de visão e tocarem o chão.

E um clarão silencioso se fez, brilhante como uma estrela. A luz foi tão intensa que poderia ser vista a dezenas de quilômetros de distância. Se fosse noite, com certeza tudo teria ficado claro como se o sol estivesse despontando no leste.

Diante da derrota iminente, os militares lançavam mão de um recurso desesperado: bombardear suas próprias instalações, na tentativa de eliminar o maior número possível de criaturas.

Uriel gritou de dor ao ter suas retinas e seu rosto queimados pela explosão das bombas de napalm. Em seguida veio o estrondo e a onda de choque. Telhados de casas foram arrancados, janelas foram estilhaçadas, portões vieram abaixo, e as chamas se espalharam pelas ruas e avenidas.

Uma imensa cobra de fogo percorreu em alta velocidade o bairro Engenho do Meio.

Zumbis e humanos foram incinerados, indistintamente. A temperatura atingiu um patamar insuportável, e assim permaneceria nos locais mais próximos da explosão durante dias.

O garoto desmaiou quando a fúria da detonação atingiu sua casa, derrubando o portão, a porta de entrada, destruindo a janela e arremessando seu mirrado corpo de criança para longe.

\* \* \*

Uriel acordou em meio à escuridão. Ficou na dúvida, por um instante, se encontrava-se de fato desperto ou se sonhava. Ele nunca estivera mergulhado numa escuridão tão densa e absoluta. Não havia na sua casa nenhum quarto que fosse capaz de impedir a entrada da luz daquela forma.

O menino levou as mãos aos olhos e constatou que, na realidade, havia algum tipo de curativo cobrindo-os. Ao tocá-los, a dor sobreveio. Uriel gemeu e tentou arrancar as bandagens, mas foi impedido pela mãe.

— Não, meu amor, não faça isso, pare de mexer nas gazes — Érica sussurrou, segurando as mãos do filho.

— Mainha, o que aconteceu? O que houve?!

— Calma. Fale baixo, meu filho! — a mãe praticamente implorou. — Se você gritar pode atrair aquelas criaturas.

Uriel respirou fundo, tentando controlar o desespero. O impulso de arrancar aqueles curativos era enorme, mas o medo dos zumbis foi mais forte.

— Cadê o painho? — o menino perguntou.

— Nós ouvimos um barulho, e ele foi ver o que aconteceu. Em alguns instantes seu pai voltará, está bem?

Uriel podia detectar claramente o medo na voz da mãe.

O menino começou a tremer de apreensão. Se a situação toda já era assustadora, sem enxergar se tornava asfixiante. Observando o pavor do filho, Érica abraçou Uriel apertado.

— Estou com medo, mainha... — Uriel inalou o perfume da mãe, um aroma sempre acolhedor.

— Eu também, meu filho. Mas daqui a pouco seu pai voltará para cuidar de nós, está bem?

Nesse momento, o som estridente de gritos, gemidos, urros, móveis tombando, objetos se espatifando os alcançou. No meio dessa confusão, foi possível ouvir os berros de Alcides lutando contra as feras.

Mãe e filho estreitaram ainda mais o abraço. Érica tremia, engolindo os soluços, que poderiam atrair mais criaturas. Entretanto, era impossível controlar as lágrimas, que caíam na cabeça de Uriel.

Depois de alguns instantes de espera, tudo enfim ficou silencioso. Mãe e filho permaneceram juntos, quietos, com a certeza de que nunca mais veriam Alcides vivo outra vez.

\* \* \*

Dois dias inteiros se passaram com mãe e filho escondidos no quarto, esperando que algo acontecesse e que um resgate viesse. Mas nada mudou, e o pouco alimento de que dispunham se esgotou. Além de não haver mais comida, restava apenas a água da pia do banheiro para beber.

Érica constatou que teria de sair em busca de mantimentos. Com seu filho agora cego e ferido, ela precisaria, mais do que nunca, ser forte.

O estômago de Uriel doía de fome, mas o garoto protestou quando ouviu os planos da mãe.

— Mainha, pelo amor de Deus, não me deixa aqui sozinho! Eu não estou enxergando nada! — Uriel implorou, com lágrimas encharcando as gazes.

— Ô, meu filhinho, eu também estou com muito medo. Mas preciso conseguir comida para você ficar forte. Esse é o único jeito de conseguirmos sair daqui.

Esforçando-se para não deixar transparecer o terror que sentia, Érica abriu a porta do guarda-roupa e arrumou um espaço confortável para o filho. Depois de acomodá-lo ali, deu as últimas instruções:

— Meu amor, escuta com atenção. Você sabe que a porta do meu quarto não tranca, por isso não tenho como garantir que os monstros fiquem do lado de fora. Portanto, você ficará escondido no armário até eu voltar, está bem?

O garoto ficou em pânico, seu coração batia descompassado dentro do peito.

— Mainha, não me abandone, por favor — Uriel suplicou de joelhos dentro do móvel.

Érica olhou com ternura para o filho, aos prantos. Em seguida, tirou uma corrente com um pingente dourado e colocou no pescoço da criança.

— Você nunca estará sozinho enquanto utilizar esta corrente. Ela sempre foi o meu amuleto da sorte, entendeu? Nós estaremos juntos sempre que você a estiver usando, eu prometo. — Érica despediu-se, dando um beijo no rosto do filho.

E então fechou a porta do armário e a trancou, levando a chave consigo. Fechou os olhos e começou a chorar sem parar ao ouvir os protestos e lamentos de Uriel, cego e completamente indefeso.

\* \* \*

Passaram-se horas sem nenhuma notícia. Uriel já havia chorado muito, chamado pela mãe inúmeras vezes, e nada acontecera. O menino jamais se sentira tão assustado e impotente em toda a sua vida.

Uriel se sobressaltou quando ouviu um barulho no quarto. O som inconfundível de uma porta sendo aberta até bater na parede.

O menino tentava decifrar o que acontecia ao seu redor. Seus sentidos estavam mais apurados pela falta da visão, por isso foi possível ouvir os passos de forma muito nítida. Alguém caminhava pelo aposento.

Uriel tremia tanto que seus dentes batiam sem cessar.

Quando a pessoa parou diante da porta do guarda-roupa, entretanto, Uriel sentiu um perfume suave penetrar em suas narinas. O mesmo aroma que sempre lhe dava aquela sensação de aconchego maternal, de segurança.

O perfume de sua mãe.

— Esse perfume... Mainha, você voltou! Me tira daqui, pelo amor de Deus! — Uriel falou em voz alta, aliviado.

Porém, ninguém respondeu. Mas era possível ouvir uma respiração pesada, arrastada do outro lado da porta.

— Mainha?



Sem resposta novamente. Apenas um silêncio mortal.

De repente um grunhido animalesco emergiu das trevas nas quais Uriel se encontrava. O som de uma fera assassina encheu o quarto e o coração daquela criança do mais absoluto horror.

A criatura que exalava o perfume de Érica não era mais a mãe de Uriel. O ser começou a esmurrar a porta do guarda-roupa, furioso.

Uriel gritou aterrorizado a plenos pulmões, ouvindo os urros e arranhões na madeira, agarrado ao amuleto da mãe. Cego, sozinho e faminto, ele tinha apenas uma frágil porta de armário como proteção.

Foi quando Uriel se lembrou de algo. Não da derradeira vez em que falou com sua mãe nem de sua última conversa com o pai. O que lhe ocorreu foi a memória daquilo que vira antes de as imagens serem roubadas dos seus olhos para sempre — a grande explosão das bombas de napalm que arrasaram aquela parte da cidade de Recife. A visão mais bela e aterrorizante que já tivera em toda sua vida.

A luz seguida da escuridão.



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA  
LIS GRÁFICA EM JANEIRO DE 2016